

CERAMICAS DOS SÉCULOS XIII-XV DA CIDADE DE LISBOA

Alexandra GASPAR, Clementino AMARO

Résumé : Différents lots de céramiques furent étudiés. L'un d'eux trouvé dans une fosse artisanale du Bairro das Olarias aida à l'identification des pâtes spécifiques employées par les potiers de Lisbonne ; un second groupe, provenant également d'une fosse, aida à reconnaître différentes formes faites dans les mêmes argiles que les précédentes. La séquence chronologique se situe autour des XIIIe et XVe s.. La collection des exemplaires complets, bien que manquant de variété, augmente la valeur des vestiges et fournit un aperçu différent du matériel habituellement réduit à des fragments. Compte- tenu du développement des fouilles archéologiques à Lisbonne, cette étude pourra être améliorée ou même corrigée par de nouvelles découvertes.

INTRODUÇÃO

As intervenções arqueológicas realizadas nos últimos anos na cidade de Lisboa (Est.I) têm vindo a fornecer uma série de cerâmicas medievais importantes para o estudo da olaria na época e na região.

A produção cerâmica deverá ter sido uma constante na cidade, mantendo-se esta tradição ao longo de séculos, tendo já sido escavados vários pequenos fornos da Idade do Ferro e do período islâmico na Baixa de Lisboa (Amaro 1995); embora ainda não se tenha encontrado nenhuma estrutura de produção medieval, é de salientar a existência de um bairro das olarias, bem localizado extra-muros (Farinha 1932), assim como de documentos que referem nomes de oleiros, respectivas produções e até o regime destes artesãos, testemunho desta actividade na cidade Lisboa.

Da grande quantidade de material recolhido escolhemos dois conjuntos cerâmicos. O primeiro (Est. 1, nº1), o mais importante e que, portanto, iremos privilegiar, é constituído por uma série de peças de perfil completo que se encontram bem datadas por cerâmicas importadas e por moedas. Foi encontrado numa escavação arqueológica realizada na Baixa de Lisboa, na Rua dos Correiros (Amaro 1995) e provém de uma fossa de despejo. Algumas das peças apresentavam defeitos de fabrico sugerindo que nunca tivessem sido utilizadas; noutras, pelo contrário, eram bem visíveis os vestígios de utilização. Embora, como referimos, tenham sido identificados neste local, pequenos fornos de outras épocas, os dados que possuímos não são concludentes sobre a existência de um forno medieval nesta área da cidade. O segundo conjunto de cerâmicas, mais modesto mas homogéneo, provém de um levantamento realizado em pleno Bairro das Olarias (Est. 1, nº2) na Rua de S.Marçal. Embora, pela análise das peças não o possamos considerar como um despejo exclusivo da produ-

ção de uma olaria - por faltarem os elementos característicos e por algumas das peças apresentarem vestígios de utilização - a sua localização poderia sugerir uma aproximação a esses locais de produção. Nesta fossa foi encontrada uma moeda, mas o seu mau estado de conservação não permite propor uma cronologia com base neste numisma.

1. CERÂMICAS DO CONJUNTO DO NÚCLEO ARQUEOLÓGICO DA RUA DOS CORREIROS

Do abundante material recolhido nesta fossa, foi possível reconstituir setenta e uma peças de perfil completo¹. As formas são pouco variadas e portanto apresentaremos uma amostragem representativa. Alguns fragmentos sem forma, de cerâmica vidrada, atribuíveis à cronologia proposta para esta fossa, não são aqui apresentados devido ao seu estado fragmentário.

Os elementos que fornecem cronologia - cerâmicas importadas e moeda - apontam para um período compreendido entre os meados do século XIII e os meados do século XIV.

1.1. CERÂMICAS IMPORTADAS

Os produtos importados provêm da região de Saintonge (França) e incluem dois pichéis, um dos quais de perfil completo, e que se enquadram nas características das produções desta zona, exportadas essencialmente para Inglaterra e para o Norte da Europa entre 1250 e 1350 (Archéologie et vie 1990 : 340).

Em Portugal tinham já sido identificados alguns pequenos fragmentos destes pichéis nas escavações arqueológicas da Casa do Infante no Porto, em estratos relacionados com a construção da Alfândega na primeira metade do século XIV (Real 1995 : 177, 178). A cidade do Porto foi então conside-

¹ Trabalho de reconstituição - Esmeralda Rodrigues. Restauro - Moisés Lurdito, Margarida Monteiro, Margarida Santos. Desenho peças - Margarida Monteiro. Fotografia peças - Paulo Oliveira. Uma amostragem destas cerâmicas encontra-se exposta no Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros.



Est. 1.

rada como o ponto mais meridional, na costa Atlântica, desta exportação, sendo agora substituída pela cidade de Lisboa.

A chegada destes produtos relaciona-se certamente com a intensificação das relações económicas de Portugal com o Atlântico Norte, nomeadamente com Bordéus e La Rochelle, na segunda metade do século XIII.

Em Inglaterra, estes pichéis foram sobretudo encontrados em castelos construídos e ocupados no reinado de Eduardo I, tendo sido proposta pelos investigadores uma cronologia mais afinada para a sua importação, entre 1280 e 1310 (Archéologie et vie 1990 : 339, 340).

Neste conjunto de Lisboa apenas encontramos uma moeda associada que pelo seu estado de conservação apenas pudemos classificar como sendo um dinheiro cujos parâmetros cronológicos alargados se situam entre 1248-1357. Pensamos que, esta moeda, assim como a presença destes pichéis em estratos da primeira metade do século XIV na Casa do Infante do Porto, são ainda dados insuficientes para se propor uma afinação das datas de importação destes produtos para Portugal.

A peça de perfil completo, assim como os fragmentos encon-

trados nesta fossa apresentam as características típicas desta produção (Est. 2), (Fotog.).

A pasta é muito clara, quase branca (Caillieux K92) ² com pequenos elementos de cerâmica moída assim como pequenos quartzos dispersos ³.

A peça foi externamente coberta por um vidrado incolor e foi decorado com dois pássaros e por motivos florais e geométricos pintados com pincel utilizando as cores castanho, verde e preto. A parede interna não é vidrada.

Os pássaros decoram a pança do pichel sendo desenhados com manganês e com o interior da figura vidrada a verde (cobre) com diferentes tonalidades; alternam com três elementos geométricos em forma de “brasões” com uma cor interna castanho avermelhado com um contorno a manganês e duas linhas paralelas internas. Um vidrado a verde decora o meio da asa alargando-se na base formando uma folha também contornada a manganês. A pança é demarcada na ligação da base e do colo por duas linhas de diferentes espessuras e irregulares a verde e castanho.

A peça foi bem lançada (25,8cm de altura), com uma base estreita (Diâm.: 8,8cm), um colo alto com arranque de bico

2 Correspondência ao código de Munsell : 5yR8/1.

3 As pastas foram apenas observadas com lupa manual.

4 Correspondência ao código de Munsell: M 57 - 5yR7/6 ; L 57 - 7,5yR8/6 ; L 67 - 7,5yR8/6 ; M40 - 2,5yR7/8 ; L 55 - 5yR8/4 ; L 65 - 7,5yR7/6.

5 Agradecemos ao Dr.Fernando Real a identificação destes elementos de micro-fauna.

6 Correspondência ao código de Munsell: M 15 - 7,5R7/8; M 25- 2,5R6/4; M 40- 2,5 yR7/8; M 37 - 2,5yR6/6.

repuxado; o bordo apresenta um diâmetro de 8,3cm. Foi ainda registada uma depressão junto à asa, podendo corresponder ao levantar da peça com a mão direita antes da cozedura; o fundo também apresenta um alisamento irregular e a ligação do fundo à base apresenta restos de argila que não foram retirados. Estes pichéis eram utilizados para servir vinho à mesa.

1.2. CERÂMICAS COMUNS

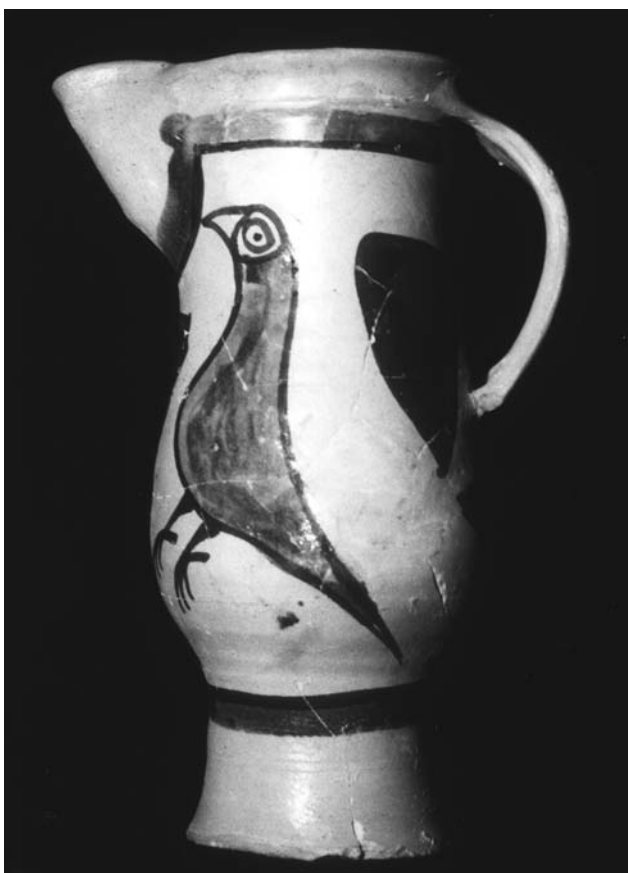
A. PASTA

A pasta da cerâmica comum é muito característica: apresenta uma cor que pode variar do bege ao laranja passando pelo rosa (Cailleux : M57, L57, L67. M40, L55, L65) ⁴ e inclui grande quantidade de quartzos de pequenas dimensões bem calibrados e alguns de dimensões médias dispersos e ainda pequenos pontos de basalto. As argilas utilizadas são de zonas fluviais tendo sido encontradas na pasta bolsas de areia de rio. Para além destes elementos foi identificado um foraminífero ⁵, fósil director que fornece novas pistas de investigação.

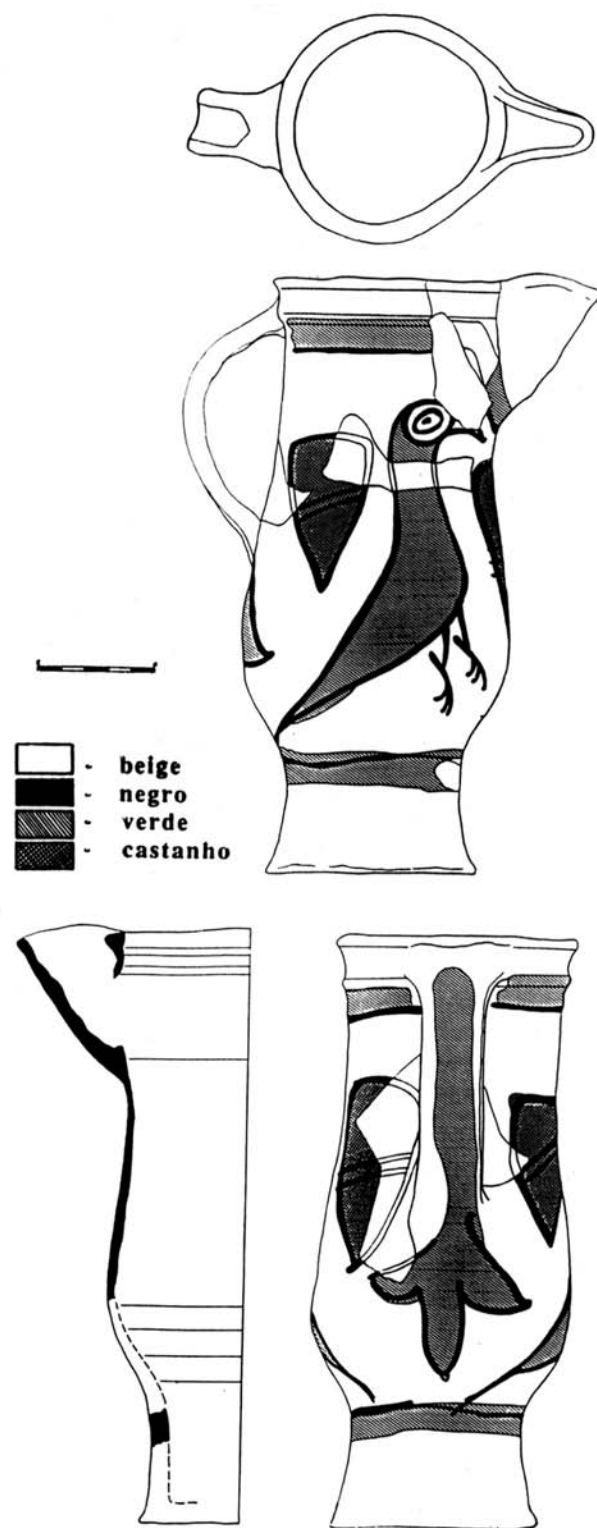
As paredes alisadas têm colorações que variam entre o bege, o laranja e o rosa (Cailleux: M15, M25, M40, L47, N20, etc.)⁶ apresentando frequentemente manchas de cozedura. O abundante desgordurante é bem visível à superfície dando-lhe um aspecto característico.

Todas as peças foram fabricadas com a mesma pasta.

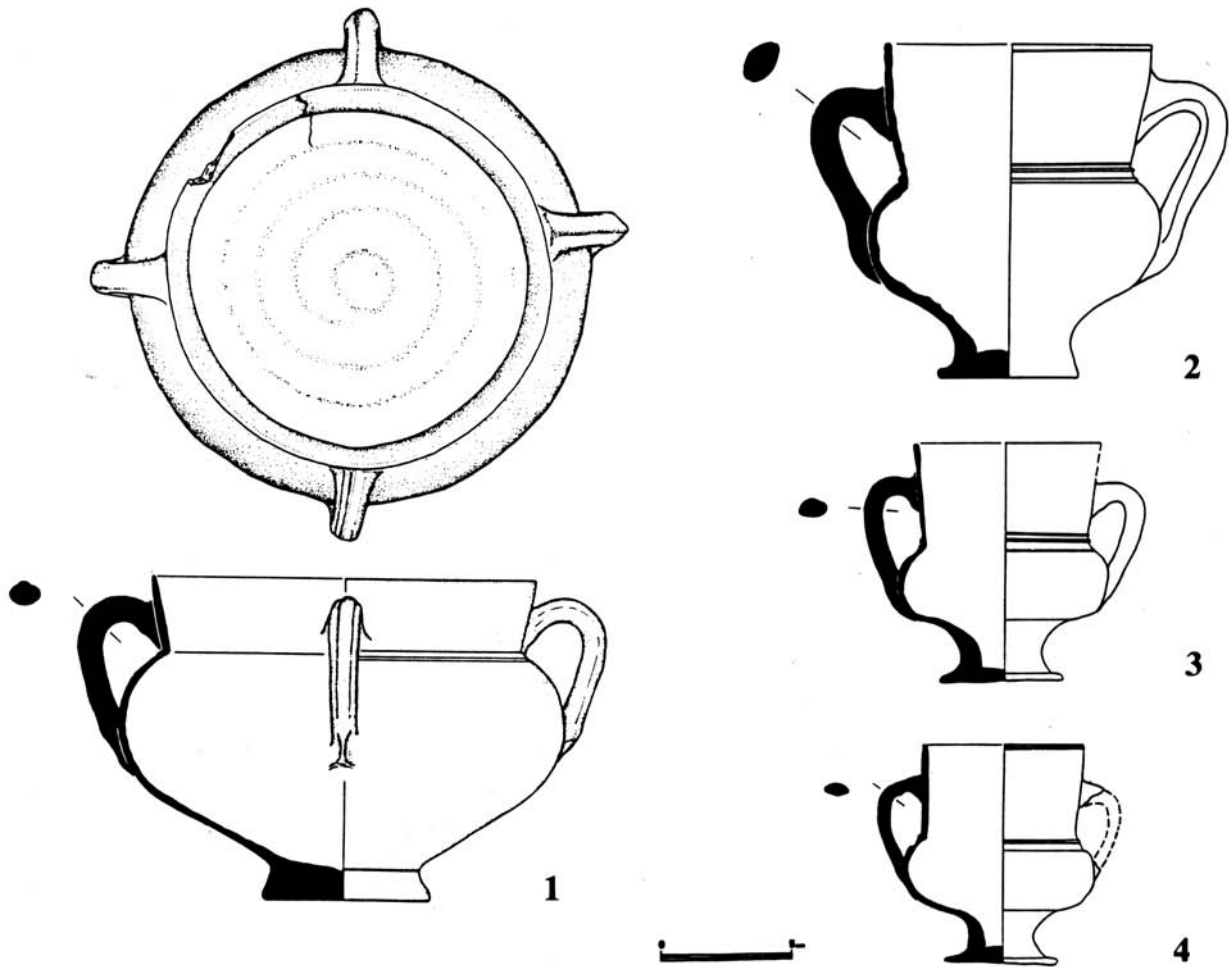
B. FORMAS



Pichel importado de Saintonge (França). Diâmetro: 8,3cm; Altura: 25,8cm. (P. Oliviera) (cf. Pl. h.-t. III).



Est. 2.



Est. 3.

Foram identificadas essencialmente formas fechadas - potes, copos, jarros, bilhas, panelas, cântaros e talhas - e algumas formas abertas - tachos, pratos e taças.

As formas mais abundantes (Fig.1) são as panelas (19%), os jarros (18%) e os copos (15%), seguindo-se os tachos (10%), as talhas (9%) e as bilhas (7%). A amostragem é de 82 peças.

Neste conjunto queremos salientar a existência de peças com defeitos de fabrico - que estalaram à cozedura ou que apresentam perfis irregulares - e de algumas formas de pequenas dimensões que poderão eventualmente ter servido como brinquedos.

O pote de 4 asas está representado por um único exemplar (Est.3.1). Com um pé bem delineado e colo recto, ligeiramente esvasado, donde partem as asas, esta peça apresenta um diâmetro de 15cm e uma altura de 13cm. O bordo e parte da pança estalaram devido a um quartzo de grandes dimensões bem visível à superfície.

Segundo a iconografia dos finais do século XVI, esta forma era utilizada à mesa para servir uma bebida alcoólica; este exemplar poderia ter também ter servido à mesa (Jordan 1995 : 32).

Os copos são formas muito características (Est.3, 2 a 4), com um pé em bolacha, um bojo baixo por oposição a um colo alto, têm sempre duas asas.

Estas peças são sempre idênticas variando apenas as suas dimensões: os diâmetros do bordo oscilam entre os 3,5cm e os 11cm, a altura entre os 7,5 e os 16,5cm e o diâmetro da base entre os 3 e os 7cm. Foram observados 12 copos de perfil completo e fragmentos de 21 bases e de 23 bordos.

Verificou-se que os copos de diâmetro até 10cm não ultrapassam uma altura de 10,7cm, enquanto que os copos de 10 e 11cm, à excepção de um exemplar cujas medidas diferem de

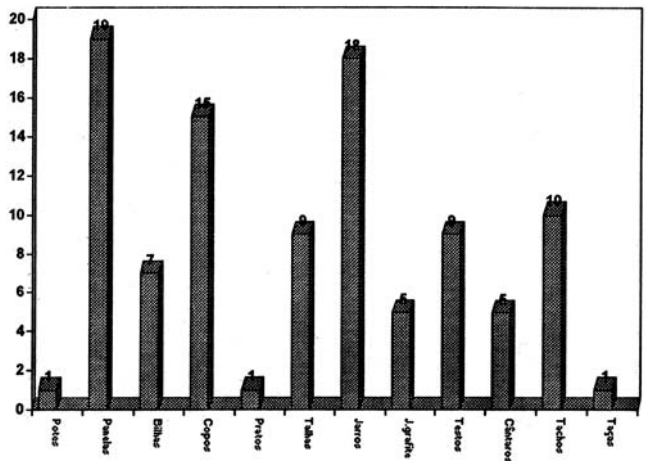
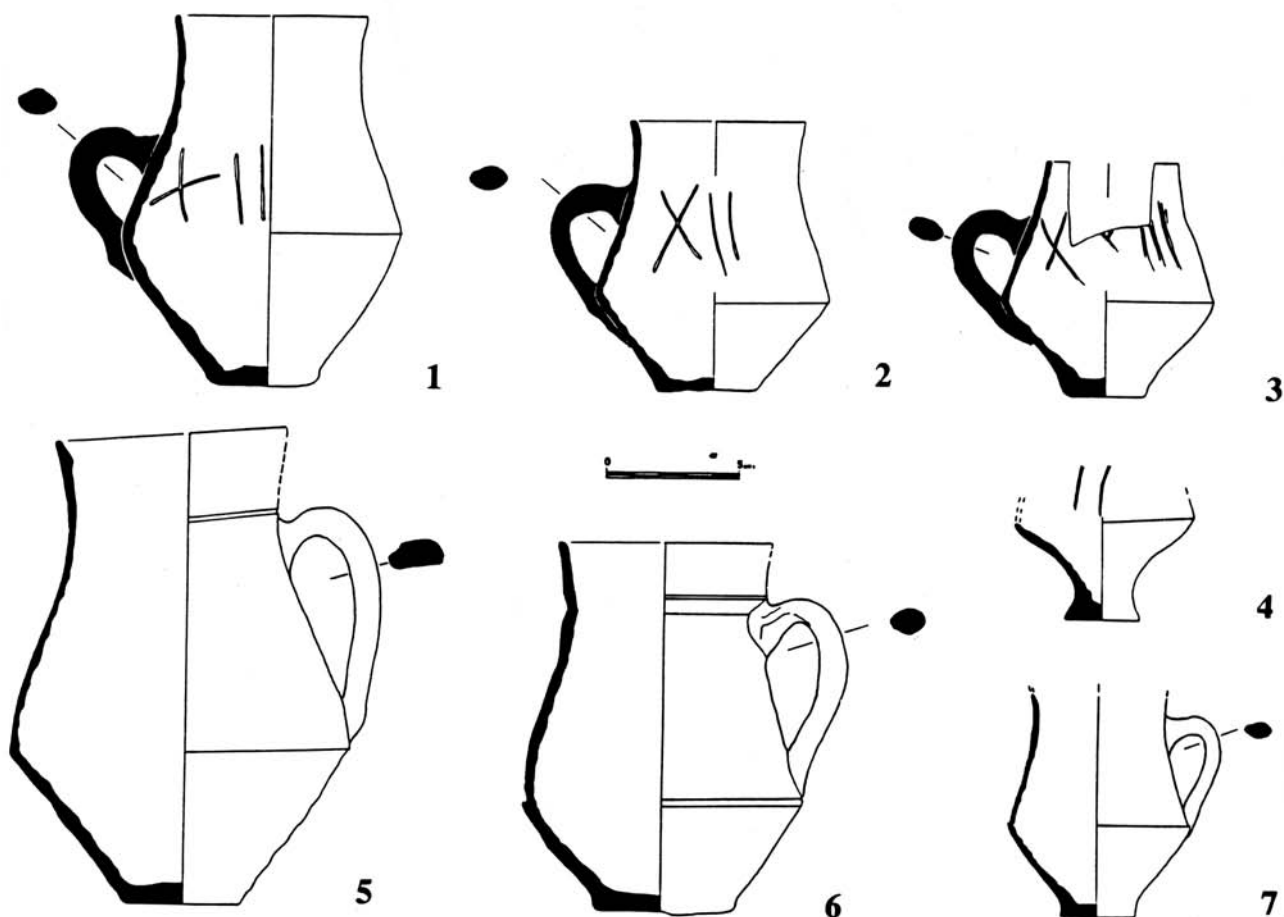


Fig. 1 : Quadro de distribuição de formas - séculos XIII-XIV.



Est. 4.

todos os exemplares, têm alturas entre os 12,5 e os 14,5cm e mais raramente atingem os 16,5cm. Os copos mais pequenos têm uma altura maior (mais 4,3 a 5,4cm) que o diâmetro da base e as peças de maiores diâmetros têm uma altura entre 6,5 a 9,5cm superior ao diâmetro da base. Os diâmetros destas bases também são sempre inferiores aos diâmetros da boca (menos 3 ou 4cm para os copos de diâmetros até aos 10cm e menos 3 a 6,5cm para as peças com diâmetro entre os 10 e 11cm). Verificou-se ainda que a altura do colo corresponde a 45% a 59,5% da altura total da peça; a pança normalmente apresenta mais 1cm que o diâmetro da boca.

Estes copos eram certamente utilizados para conter líquidos e para servir à mesa.

Exemplares idênticos foram encontrados no Palácio Nacional de Sintra em estratos dos finais do século XIV (Amaro 1992 : 116), na outra margem do rio Tejo em Almada (Sabrosa 1992 : 11), e no castelo de Palmela (Fernandes 1995 : 95).

Os jarros (Est.4, 5 a 7) são peças de bojos carenados, de bordo simples e com uma única asa que arranca da base do colo e termina ao nível da carena; a base do colo e a carena podem ser marcadas por simples caneluras. Foram observados 18 perfis completos.

Os diâmetros do bordo variam apenas entre os 8 e os 12cm; o fundo apresenta medidas entre os 3,5 e os 5,7cm e a altura oscila entre os 13 e os 19,3cm. O diâmetro máximo da pança varia entre os 11 e os 12,8cm. A altura do colo corresponde a 30 a 40% da altura total da peça.

Alguns destes jarros apresentam defeitos de fabrico - paredes amolgadas, bordos ovais ou peça completamente torta como

o exemplo representado na Est.IV, 5, podendo-se pôr a hipótese de não terem sido utilizados.

Estes jarros deveriam servir para ir à mesa.

Algumas destas peças apresentavam grafitos post-cozedura nas paredes, com uma representação em números romanos, sugerindo uma funcionalidade diferente (Est. 4, 1 a 4). Verificámos também que todas as peças marcadas apresentavam o bordo cortado, também post-cozedura.

A hipótese de poderem ter servido como medidas de capacidade foi posta de parte uma vez que existem recipientes (Est. 4, 1 e 2) de tamanhos muito diferentes com o mesmo grafito - XII. As peças de menores dimensões apresentam números mais elevados como por exemplo XVIII (Est. 4, 3).

Comparando com outras peças encontradas em Lisboa pudemos constatar as mesmas características, isto é, quando a peça apresentava um grafito o bordo estava cortado e nos recipientes pequenos os números eram mais elevados. Seria uma marca de série? Em Almada foi igualmente encontrada uma peça, de morfologia diferente, embora, com este tipo de grafito (Sabrosa 1992 : 11).

As panelas são uma forma muito típica neste conjunto. A quantidade de formas encontradas (16 perfis completos e 31 fragmentos) permitiu-nos definir três tipos de panelas.

Panelas de tipo I (Est.5, 6 a 8) - Apresentam um bojo esférico, fundos sempre bombeados, bordos em pequena aba, sendo a parte superior da peça decorada por finas caneluras donde arrancam as duas asas que terminam a meio da pança.

Os diâmetros oscilam entre os 8 e os 11,7cm e os diâmetros



Est. 5.

da base não diferem muito dos respectivos diâmetros dos bordos. A decoração ocupa 1/3 da peça.

Estas panelas de tipo I representam 25% do total das panelas. Panelas de tipo II (Est. 5, 1 a 3 e Est. 6, 1) - Estas panelas são mais abundantes (69%). Apresentam as paredes quase rectas, ligeiramente esvasadas na base, uma decoração constituída por caneluras e molduras junto ao bordo, que lhe dá um aspecto característico e duas asas que arrancam sempre do bojo e ligam à base. Os fundos são idênticos aos dos do tipo I, permitindo uma maior estabilidade sobre o fogo.

Há panelas de diferentes tamanhos sendo o nº1 da Est.5 o maior de todos com 17,5cm de diâmetro e 20,5 de altura. Os diâmetros dos bordos (Diâmetro mínimo - 11cm) e as alturas (Altura mínima - 11 cm) apresentam respectivamente medidas semelhantes sendo os diâmetros da base geralmente ligei-

ramente superiores aos dos bordos. A decoração ocupa entre 1/3 a 1/4 da altura da peça.

Panelas de tipo III (Est. 6, 2) - Apenas inclui um exemplar (4%) que propomos para terceiro tipo uma vez que difere dos exemplares já referidos. O bojo é esférico, decorado a meio por caneluras largas e o bordo é recto, com um diâmetro de 13,9cm.

Todas estas panelas apresentam marcas de utilização ao fogo marcando bem a sua funcionalidade.

Os testos encontrados (Est. 5, 4 e 5) incluem-se todos nos dois tipos aqui apresentados e têm diâmetros coincidentes com os das panelas de tipo II.

As bilhas são pouco abundantes. Identificámos uma pequena

bilha de bojo muito largo e baixo e colo estreito (Est. 6, 4), exemplar único, e 5 fragmentos de bilhas semelhantes à peça de perfil completo ilustrada (Est. 6, 1). Estas formas apresentam como característica o bordo moldurado e decorado com caneluras. Como se pode observar a peça de perfil completo apresenta-se com defeito de fabrico bem visível na sua assimetria. A altura deste exemplar é de 26cm e os diâmetros podem variar entre os 8 e os 10,3cm.

Os cântaros apresentam-se fragmentados e são pouco abundantes (5%). Registámos exemplares de colo canelados um dos quais de colo alto com arranque de asa de grandes dimensões (Est.7, 2); um outro exemplar (Est. 7, 3) apresenta um colo estrangulado e alto do qual arranca uma asa. O diâmetro dos bordos varia entre os 10 e os 12cm.

As talhas também se apresentam fragmentadas e são pouco abundantes. Os bordos são muito característicos - em aba com decoração de finas caneluras pouco profundas, linhas ondeadas e pinçados (Est. 7, 5 e 6). O exemplar nº5 da Est. 7 parece inserir-se neste conjunto, mas como se apresenta muito fragmentado poderia talvez pertencer a uma forma aberta. Os diâmetros dos bordos variam entre os 20 e os 38,5cm devendo estas formas ter sido utilizadas como peças de armazenagem.

Foram ainda reconstituídos uma série de tachos (10%) (Est.7, 7) cuja funcionalidade é detectada pelos fundos muito queimados. À semelhança das panelas apresentam os fundos bombeados; os bordos são todos muito idênticos sendo as paredes sempre esvasadas. Os diâmetros variam apenas entre os 16 e os 22cm e a altura entre os 3 e os 5,7cm.

As últimas formas que apresentamos são formas abertas de utilização à mesa e exemplares únicos.

Um prato (Est. 7, 8) com bordo em aba larga com 24cm de diâmetro e uma taça (Est.7, 9) muito característica, de parede carenada e pé em anel com 22cm de diâmetro.

O segundo conjunto que apresentamos é importante por ter sido encontrado num despejo no Bairro das Olarias.

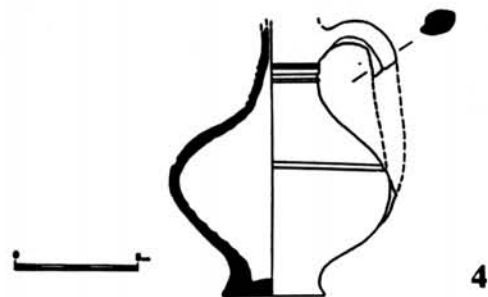
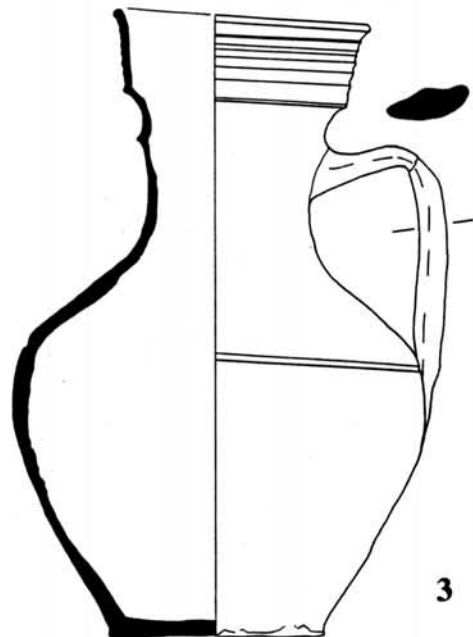
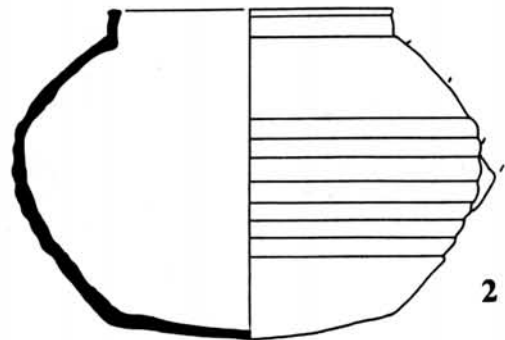
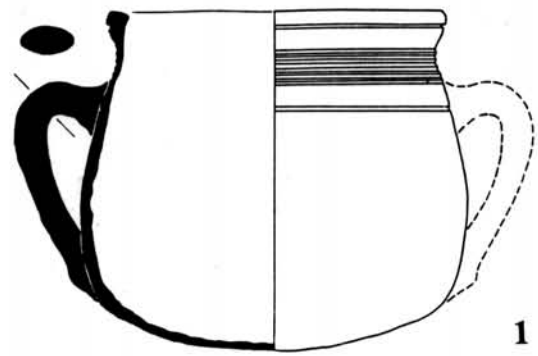
A sua cronologia difere do primeiro conjunto devendo situar-se, pela morfologia das peças, provavelmente no século XV. Infelizmente a única moeda aqui encontrada estava muito danificada e completamente ilegível.

Apresentamos apenas uma amostragem ilustrativa.

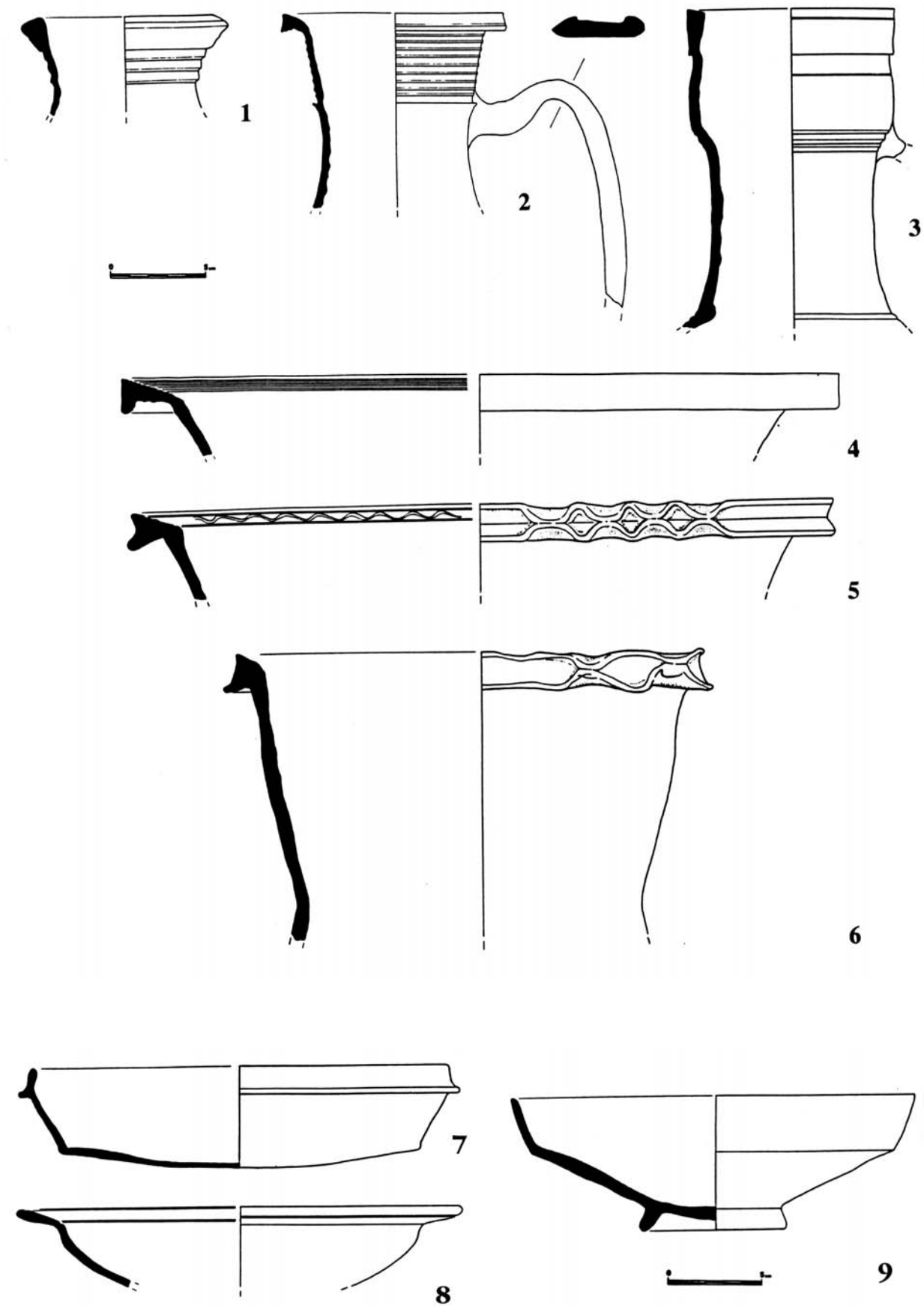
As formas predominantes nesta fossa são as formas abertas, nomeadamente os tachos com pegas laterais (Est.8, 4). As tigelas ilustradas (Est.8, 5 a 7) também estão bem representadas; de parede carenada e pé em anel apresentam uma decoração de caneluras junto ao bordo ou em toda a parede acima da carena.

No entanto, existem alguns fragmentos de formas fechadas como por exemplo os cântaros (Est.8, 1) e as panelas (Est. 8, 2), estas completamente diferentes das que apresentámos e semelhantes a exemplares conhecidos e datados do século XV.

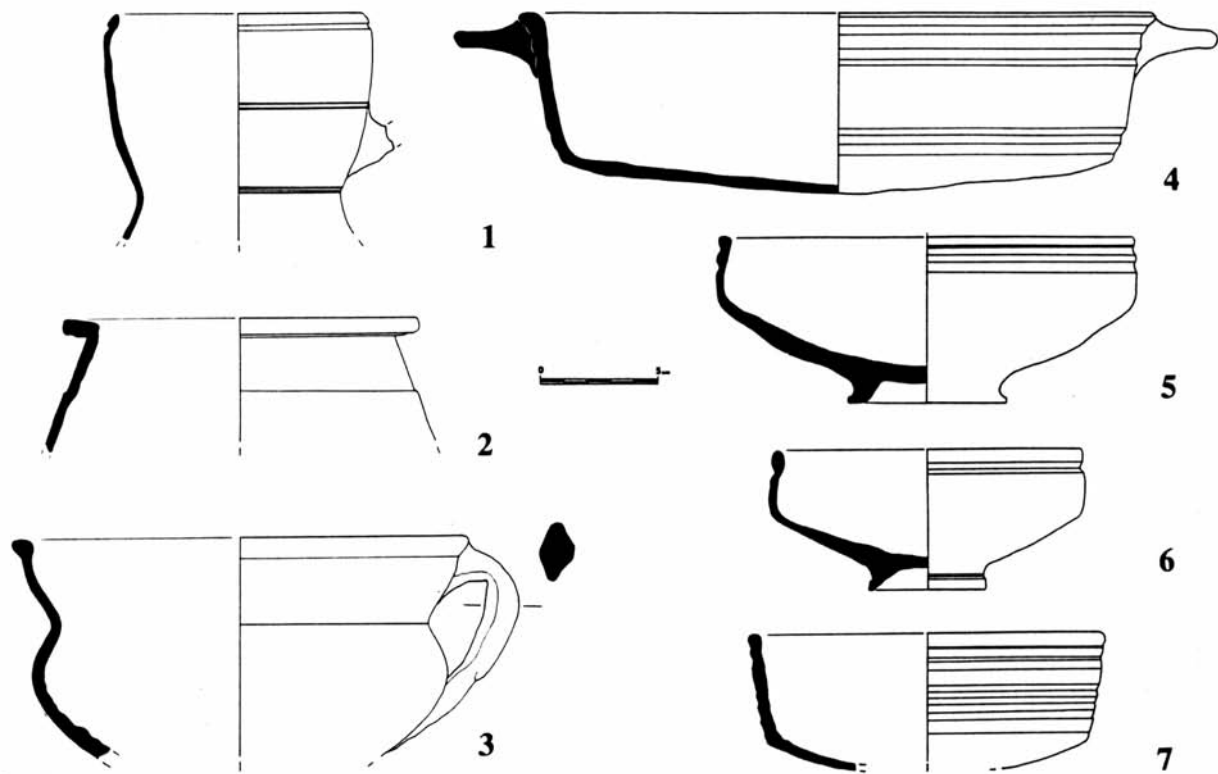
Há, no entanto, um factor extremamente interessante : as características da produção mantêm-se em relação ao conjunto do século XIII/XIV fazendo prever uma continuidade de séculos. A pasta destas cerâmicas é igual à pasta do primeiro conjunto e as paredes alisadas apresentam o mesmo aspecto embora com uma predominância da cor laranja; estas constatações fornecem um dado importante sobre as produções de



Est. 6.



Est. 7.



Est. 8.

Lisboa uma vez que as pastas são iguais não só em pontos diferentes da cidade, mas também em épocas distantes.

Parece-nos assim importante levar a cabo uma série de análises mineralógicas e químicas no sentido de se poder confirmar esta análise à lupa manual e compará-la com as pastas da região envolvente para além da evidente importância da localização do centro ou centros produtores e difusores destas cerâmicas.

BIBLIOGRAFIA

Amaro 1992 : AMARO (C.).— Silos Medievais no Palácio Nacional de Sintra, Arqueologia Medieval, I, Campo Arqueológico de Mértola, Porto, p. 111-123, 1992.

Amaro 1995 : AMARO (C.).— Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa, 1995.

Archéologie 1990 : Archéologie et Vie Quotidienne, Archéologie et Vie Quotidienne aux XIII-XIV siècles en Midi-Pyrénées, Toulouse, Musée des Augustins, 1990.

Cailleux : CAILLEUX (A.).— Notice sur le code des couleurs des sols, Paris, Boubée, S. D.

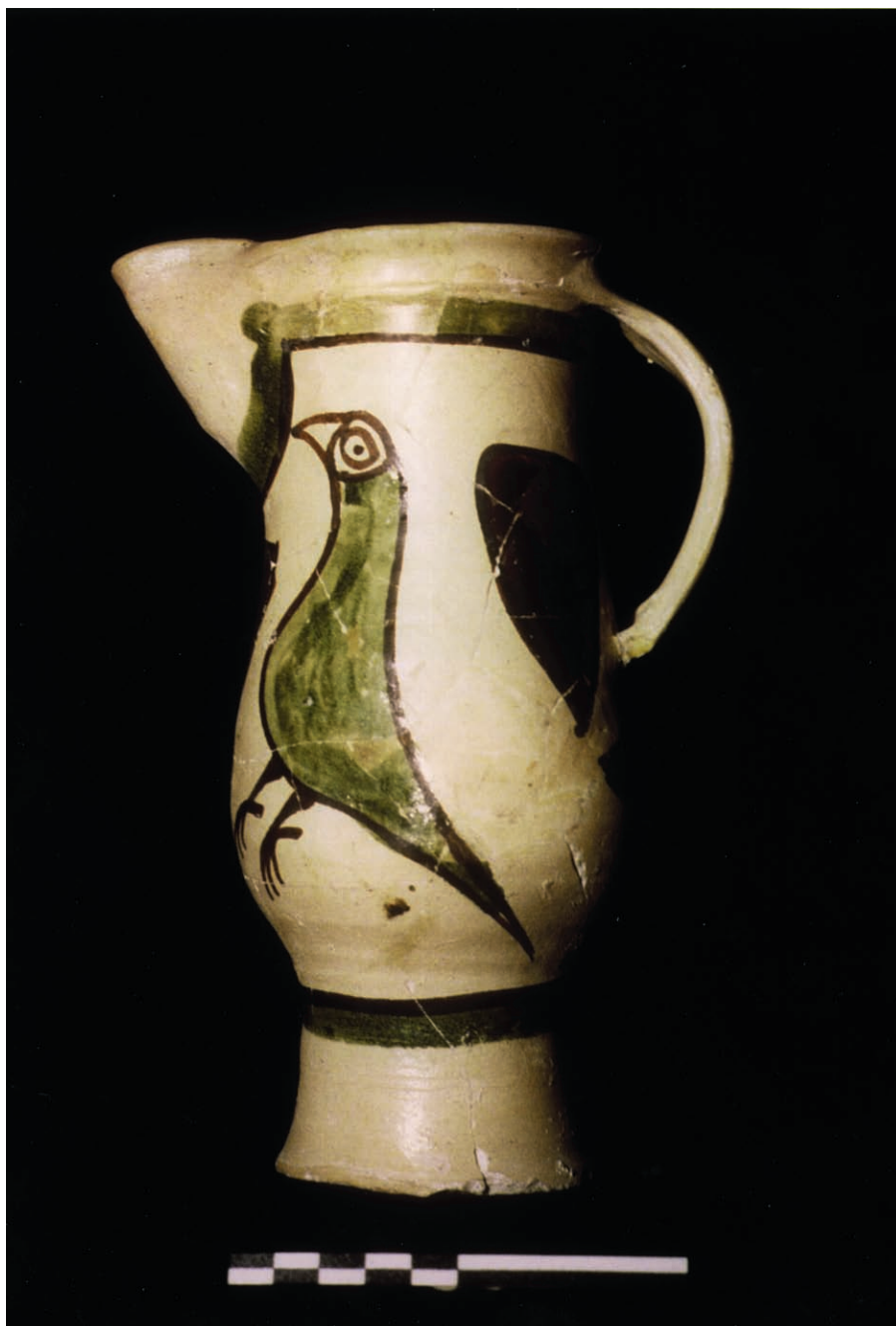
Farinha 1932 : FARINHA (Pe.A.L.).— Notícia Histórica do Bairro das Olarias, Lisboa, Cucujães.

Fernandes 1995 : FERNANDES (I.C.), CARVALHO (A.R.).— Cerâmicas Baixo Medievais da Casa nº4 da Rua do Castelo (Palmela), Actas das I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela 1992, p. 77-96.

Jordan 1995 : JORDAN (W.B.), CHENY (P.).— Spanish Still Life, Juan Velasquez to Goya, London, National Gallery Publications.

Real 1995 : REAL (M.L.), GOMES (P.D.), TEIXEIRA (R.J.), MELO (R.F.).— Conjuntos de cerâmicas da intervenção arqueológica na Casa do Infante - Porto: elementos para uma sequência longa -séculos IV-XIX, Actas das I Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval, Tondela, 1992, p. 171-186.

Sabrosa 1992 : SABROSA (A.), SANTO (P.E.).— Almada medieval/moderna - um projecto de investigação, AL-MADAN, 1ª Série, I, Almada, 1992, p. 5-12.



III - cf. p. 339.